



Eixo: Trabalho, questão social e Serviço Social.
Sub-eixo: Trabalho e expressões da questão social.

CRISE ESTRUTURAL E A INTENSIFICAÇÃO DAS EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL

CARLA JANAINA DOS SANTOS¹

Resumo: Este artigo, resultado da pesquisa da disciplina Questão Social e Serviço Social do mestrado, trata da problemática da crise estrutural do capital e suas implicações para a intensificação das expressões da questão social. Tem como principal objetivo analisar e expor como esse contexto histórico de crise do capital agudiza as contradições imanentes desse modo de produção. O trabalho foi realizado à luz do método crítico dialético com bibliográficas referentes ao tema e evidenciou que por ser uma crise que apresenta os limites absolutos do sistema, este se utiliza de medidas drásticas para conseguir retomar o auge dos lucros.

Palavras-chave: Crise estrutural; Intensificação das expressões da questão social; Sistema global.

Abstract: This article, a result of the research on the subject Social Issues and Social Service of the masters, deals with the problematic of the structural crisis of capital and its implications for the intensification of expressions of the social question. Its main objective is to analyze and explain how this historical context of crisis of capital exacerbates the immanent contradictions of this mode of production. The work was carried out in the light of the critical dialectical method with bibliographies referring to the theme and showed that because it is a crisis that presents the absolute limits of the system, it uses drastic measures to get back to the peak of profits.

Keywords: Structural crisis; Intensification of the expressions of the social question; Global system.

1. INTRODUÇÃO

Hoje, sabe-se que o sistema capitalista, com todo o seu poder de reprodução social, econômica e ideológica, domina todas as esferas do globo terrestre e não há nenhum país que não esteja sob os auspícios desse sistema, uns um pouco mais, outros menos.

De acordo com Netto e Braz (2006), o sistema capitalista no seu estágio imperialista (atual) desenvolve um sistema econômico internacional, ou seja, uma

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal de Alagoas. E-mail: <nina-gta@hotmail.com>.

economia mundial. Isso significa dizer que, mundialmente, há o domínio desse sistema em todos os continentes, dominando não só a economia, mas todas as esferas da sociedade. Assim, nas palavras dos autores citados “a produção capitalista não é tão-somente produção e reprodução de mercadorias e mais-valia: é **produção e reprodução de relações sociais**”.

Essa produção e reprodução de mercadorias e de relações sociais é um ciclo do modo de produção do capital que acontece inúmeras vezes e faz parte da dinâmica desse sistema. O sentido da ação capitalista é que em cada ciclo, nas palavras de Netto e Braz, aconteça a obtenção do lucro. Porém, nem sempre esse ciclo se completa da maneira esperada pelos burgueses e por isso o lucro esperado não é alcançado.

Neste sentido, quando esse ciclo não se fecha como o esperado, acontecem as crises. Porém, desde a década de 1970, a crise do capital se configura por ser estrutural, dominando todas as esferas do globo terrestre.

Dessa forma, supõe-se que todas as relações sociais também estejam sofrendo os efeitos dessa crise e que por isso as expressões da questão social, fruto desse sistema, só poderiam, também, sentir os efeitos da crise estrutural que se expressa através da agudização das mesmas nesse contexto atual.

Essas expressões, segundo Pimentel (2010, p. 127), “ se modificaram no decorrer do desenvolvimento e da expansão capitalista, alcançando níveis mundiais. ” O que revela o caráter global do sistema, pois não só os países de terceiro mundo sofrem com as mazelas geradas pelo modo de produção capitalista, mas também os países de capitalismo central.

Para entender como a questão social se configura e o porquê ela se intensifica nesse contexto de crise estrutural, faz-se necessário fazer uma análise um pouco mais aprofundada sobre tais questões.

Para isso, o trabalho está desenvolvido da seguinte forma: o primeiro subtópico trata da questão social, o segundo fala sobre o que é a crise estrutural e o último discorre como essa crise vem causando rebatimentos que intensificam as

expressões da questão social. Por fim, temos a conclusão trazendo os resultados e as possibilidades para a superação dessa crise e, conseqüentemente, superação da questão social, ou seja, o fim desse sistema que produz miséria em meio a abundância de riqueza e de produtos que poderiam atender a necessidade de todos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A então chamada questão social e suas expressões

Abordar o tema questão social não é tarefa fácil, pois essa expressão não é usada e analisada de forma consensualmente igual. Alguns abordam esse tema por um viés conservador, naturalizando a questão social e colocando-a como um problema de ordem moral². Outros dizem³ que ela é proveniente do processo de industrialização, mas que pode ser superável dentro desse sistema de classes.

Diferente dessas abordagens, a análise feita sobre a questão social que nos situamos é a que estuda a sua origem dentro da ordem capitalista advindas do conflito entre capital e trabalho que surge com os impactos da primeira onda industrializante. Nesse sentido, de acordo com Pimentel (2016), a questão social é um fenômeno que tem início apenas com a industrialização capitalista do século XIX, pois é só aí que haverá condições sociais e históricas que permitirão esse surgimento.

É nesse momento que a classe trabalhadora, expulsa do campo, tem uma parte de sua mão-de-obra absorvida pela indústria capitalista, que as emprega para explorá-las. Com isso, está na base dessas novas relações sociais que estão se gestando, como condição *sine qua non*, a produção da riqueza pela classe trabalhadora e a expropriação dessa riqueza pela classe burguesa. Dessa forma, o trabalhador empobrece e o capitalista enriquece. De lado está a classe capitalista

² Isso é perceptível através das primeiras atuações dos assistentes sociais frente as expressões da questão social com o objetivo de ajustar o indivíduo a ordem burguesa. Nas palavras de Silva (2014), a intervenção profissional se centrava na personalidade do cliente para que o mesmo mudasse sua forma de se comportar, ajustando-se à sociedade. Dessa forma o desemprego e outras expressões da questão social era (e é hoje por muitas pessoas) considerado um problema pessoal, sendo o sucesso pessoal e profissional dependente apenas do indivíduo, do seu esforço para sair da situação que se encontra.

³ Rosanvallon e Castel, segundo Pimentel(2012), afirmam que a Questão Social tem seu surgimento diretamente relacionado com a industrialização, mas não identificam as raízes sociais, econômicas e materiais do problema. A solução que os mesmos encontram é investir em ações sociais para diminuir a pobreza e as misérias, mas destruir a ordem capitalista.

que explora o trabalhador e se apropria de grande parte da riqueza socialmente produzida, do outro lado está a classe trabalhadora pauperizada, detendo apenas algumas migalhas.

A relação desigual exposta acima é explicada por Karl Marx através da então chamada Lei Geral da Acumulação Capitalista e nos mostra o quão contraditório é esse sistema. Esse modo de produção capitalista produz e reproduz as condições de exploração do trabalhador e obriga constantemente que os mesmos vendam sua força de trabalho para sobreviver, ao mesmo tempo em que o capitalista, ao comprá-la, enriquece. Neste sentido, o capitalista acumula capital e quanto mais se acumula capital mais a situação do trabalhador tende a piorar. Tal acumulação de riqueza de um lado proporciona, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria e pauperização do outro (MARX, 1975).

Essa pauperização da classe trabalhadora nunca vista antes e as formas de luta política contra esse pauperismo constitui, segundo Pimentel (2016), uma das primeiras expressões da chamada questão social. Neste sentido, ela é determinada pelas contradições geradas pelo conflito entre capital e trabalho e se apresenta na realidade através de elementos decisivos que são: a pauperização da classe trabalhadora explicada pela Lei Geral da Acumulação Capitalista, a organização dessa classe para buscar melhores condições de vida e a intervenção do Estado frente a essa organização atendendo minimamente a algumas reivindicações dependendo da fase de desenvolvimento capitalista que este experimenta.

Sendo assim, esses três elementos que são essenciais para o surgimento da questão social se gestaram apenas na sociedade capitalista, pois pela primeira vez na história, a pobreza, a fome e a miséria existem num momento em que o desenvolvimento das forças produtivas é capaz de superá-las.

Segundo Netto (2011), tornou-se claro que a questão social se tratava de um fenômeno novo, pois mesmo que a desigualdade e a pobreza existissem em outras sociedades, a maneira que elas se encontravam nesta sociedade regida pela ordem do capital era algo radicalmente novo. A pobreza crescia na mesma proporção em

que aumentava a capacidade de produzir riqueza e de ter possibilidades de superar essas desigualdades.

Isso não quer dizer que a questão social seja algo natural e que essas mazelas sociais seja algo que o sistema capitalista herdou da imperfeição humana, mas sim que a questão social é exclusiva e determinada pela sociabilidade burguesa.

Nas análises de Pimentel (2012, p. 14) à luz de Marx, o exposto acima de que a questão social era algo novo é confirmado quando a mesma relata que:

É no processo de produção capitalista que Marx vai identificar as determinações mais decisivas, o sistema de causalidades da pauperização do trabalhador e de suas famílias. Para o nosso autor, o próprio processo de acumulação multiplica, com o capital, a “massa dos pobres laboriosos”, isto é, dos assalariados que transformam sua força de trabalho em força de valorização do capital crescente, estabelecendo sempre uma relação de dependência com seu próprio produto através da personificação do capital.

Neste sentido, está claro que a Questão social tem sua origem com a sociedade burguesa com sua Lei Geral da Acumulação Capitalista referida acima, que por sua própria natureza é a base para o surgimento do pauperismo e o impulsionamento da ampliação da miséria, pobreza, violência, desemprego, fome, entre outros. Algumas mazelas sociais como a fome e pobreza são consideradas expressões da questão social porque na sociedade capitalista tem produção de riqueza suficiente para superá-las e, no entanto, as agudizam.

Tais expressões são ainda mais ampliadas com a crise estrutural do capital. Para entender o porquê e como isso acontece, é preciso analisar quais as bases da referida crise, como ela se configura e afeta esta sociedade. Isso será tratado no tópico a seguir.

2.2A crise estrutural do capital

A base e a raiz da crise estrutural do capital estão no modo de produção capitalista. Segundo Marx (1975), esse modo de produção funda-se na exploração do trabalho assalariado, ou seja, na exploração do capital sobre o trabalho. Se configura por ser estruturalmente desigual e tem como objetivo manter o movimento

incontrolável da busca pelo lucro sem se importar com as consequências para a humanidade.

Essa busca incessante pelo lucro se dá, segundo Pimentel (2012), norteadas por Mézáros, através da exploração e extração de trabalho excedente. Esse trabalho excedente, ou em outras palavras, trabalho não pago ou mais-valia é a fonte de lucro do burguês que se apropria desse trabalho explorado para si.

Essa expropriação do trabalho não pago acontece mediante um ciclo de reprodução do capital, que produz e reproduz também, as relações sociais para que esse ciclo seja contínuo. Porém, nesse processo de expansão e acumulação de capital e da busca pelo lucro, podem ocorrer alguns entraves que atrapalhem a continuação do ciclo de reprodução do sistema, pois como nos lembra Marx (1971, p. 15): “[...] os homens fazem sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, nas condições escolhidas por eles”. Portanto, o lucro esperado para aquele ciclo pode não acontecer e resultar em crises de natureza socioeconômica e política trazendo consequências avassaladoras para esta sociedade.

Em outras palavras, nessa busca incessante pelo lucro, o sistema pode não alcançar às suas taxas de lucratividade ou de expansão de mercadorias, e, assim, é possível que ocorram crises de superprodução. Foi o que aconteceu com a crise dos anos 70, momento em que há uma crise econômica mundial violenta e as taxas de lucro começaram a declinar.

Sendo que, a crise referida acima se arrasta até a realidade presente atingindo o seu auge no ano de 2008. Nessas circunstâncias, caracteriza-se como uma crise estrutural do capital, uma vez que envolve todas as dimensões do sistema desde a produção à circulação das mercadorias em escala planetária, pois, Segundo Mézáros (2002), a crise estrutural do capital se caracteriza por seu caráter universal abrangendo todas as esferas econômicas e sociais, tem alcance global, uma escala de tempo que é extensa ou até permanente ao invés de cíclica e se desdobra de uma maneira rastejante, diferente das crises de antes que logo havia uma recuperação e a economia voltava a crescer rapidamente.

Outras características fundamentais da crise estrutural são tratadas por Pimentel (2010), à luz de Mézaros, quando a mesma salienta que a referida crise do capital se apresenta junto aos limites absolutos⁴ do capital através de um antagonismo estrutural entre capital transnacional em expansão e os Estados nacionais; a destruição e devastação⁵ do meio ambiente; a liberação das mulheres⁶ e o desemprego crônico. Esta crise também reside e emana de três dimensões internas principais que é a produção, consumo e circulação/distribuição/realização. Essas dimensões são tencionadas para se ampliar por um determinado tempo, contribuindo para a reprodução do capital de forma ampliada.

A mesma autora também evidencia, referenciando-se novamente por Mézaros no *Para além do capital*, que:

Nesses termos, “a crise estrutural do capital se revela como verdadeira *crise de dominação* em geral”; seu caráter devastador tem afetado todas as esferas de atividade, assim como todo o conjunto das relações humanas. Esse sistema de dominação está em crise porque “sua *raison d’être* e sua justificativa histórica desapareceram, e já não podem ser mais reinventadas por maior que seja a manipulação ou a pura repressão” (Idem, 801). Essa razão de ser do capital significa “a extração máxima de trabalho excedente dos produtores de qualquer forma compatível com seus limites estruturais”, já que seria impossível cumprir plenamente suas funções sociometabólicas de outra maneira (Idem, 99). (PIMENTEL, 2017, p. 114).

Nessas condições, para essa realização da expansão da exploração do trabalhador e na tentativa de reverter os efeitos da crise para o capitalista e barrar a queda da taxa de lucro, o capital se utiliza de novas estratégias a exemplo do tripé: da reestruturação produtiva⁷, da financeirização⁸ e da ideologia neoliberal⁹ (NETTO e BRAZ 2006).

⁴ Segundo Pimentel (2017, p. 116), esses limites são considerados absolutos somente para o sistema do capital, por causa das determinações mais profundas de seu modo de controle sociometabólico; portanto não se trata de limites do trabalho em particular, senão de limites com consequências para o conjunto da totalidade social em seu processo de desenvolvimento.

⁵ Sobre a devastação do meio ambiente é só observar dois exemplos de descasos com o meio ambiente no Brasil que são a destruição da Amazônia e o rompimento da barragem de Mariana, considerado como o maior acidente ambiental da história do Brasil.

⁶ A liberação da mulher acontece para que ela seja explorada pelo capital e contribua para a reprodução do sistema.

⁷ Para uma leitura aprofundada sobre reestruturação produtiva, ler o livro *Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel*, com autoria de Thomas Gounet, 1999.

⁸ A financeirização é tratada no livro *Economia Política: uma introdução crítica*, a partir da página 229, dos autores Netto e Braz (2006).

Esse tripé tem como função adequar a classe trabalhadora mais e mais ao sistema, desmobilizando-a e impendendo que a mesma tenha consciência de classe e, assim, explorá-la de forma mais intensa. O capitalismo utiliza-se de fortes ataques repressivos as organizações dos trabalhadores, e, ideologicamente, propagandeia que o trabalhador é um colaborador e não mais um assalariado empregado da fábrica.

A reestruturação produtiva e o neoliberalismo têm causado fortes mudanças no mundo do trabalho levando à precarização das relações de trabalho e a uma sensível deterioração das condições gerais de vida dos trabalhadores. É preciso salientar que essas estratégias através desse tripé reverberam em todos os países, sobretudo, nos países periféricos com maiores índices de desemprego e pobreza. Assim, a humanidade se defronta com as consequências desumanizadoras que o capital e sua lógica contraditória tem causado.

Portanto, a crise estrutural por ter um caráter global vem causando a intensificação das expressões da questão social não só nos países de economia periférica, mas também nos países de primeiro mundo. O que foi analisado até agora são as bases determinantes para o aumento das expressões da questão social que será analisado de forma mais ampla no próximo tópico.

2.3A intensificação das expressões da questão social

Todo o exposto anterior nos permite afirmar que nesses períodos de crises, as expressões da questão social se intensificam mais ainda, pois na tentativa de amenizar os efeitos da crise, os trabalhadores é que “pagam o pato”, tendo as condições de manutenção de suas vidas cada vez mais deteriorada. Nesse sentido, Paniago (2012), em acordo com o que Mézáros diz, ressalta que a crise estrutural afeta a totalidade do sistema capitalista em todas as suas relações. A severidade da crise é de uma magnitude tão grande que a tendência é intensificar os antagonismos existentes, ou seja, intensifica-se todas as mazelas sociais provenientes desse

⁹ Sobre o neoliberalismo, há uma revista de Serviço Social e sociedade, n 44, ano XV, abril de 1994, com o artigo da Estela Grassi, p. 144, que fala sobre o neoliberalismo conservador que é interessante para saber mais sobre o referido assunto.

sistema. Assim, as ações que buscam contornar esses antagonismos são inúteis, pois não vão à raiz da questão.

Dessa forma, há um aumento exploração dos trabalhadores e da precarização nas relações de trabalho que se dá através da contratação da mão de obra barata, os vários trabalhos temporários, desumanos, escravos, degradantes que muitos se submetem para sobreviver, para manter seu sustento e da sua família. Os trabalhadores recebem um salário inferior ao necessário para se reproduzir biologicamente através de mecanismos tanto de apropriação de mais-valia absoluta como de mais-valia relativa¹⁰.

De acordo com Lessa (s/d), os dias atuais sentem os abalos da crise estrutural do modo de produção capitalista, pois todos os complexos sociais se encontram em crise: a família, a política, o emprego, a economia, entre outros. Nas palavras do mesmo:

Não há no mundo em que vivemos nada, rigorosamente nada, que não se encontre em uma profunda crise. Nenhum dos complexos sociais, da família ao clube de futebol, do emprego à culinária, da moda à religião, do Estado às individualidades, da produção de mais-valia ao gênero humano, do complexo da política à medicina – nenhum complexo social está isento de uma crise dos seus pressupostos fundantes (LESSA, s/d, p. 6).

Isso acontece por causa do momento atual em que o sistema capitalista degrada tudo e aliena a todos para se confirmar como único sistema possível. Tudo está em crise, inclusive as relações humanas e a natureza que é destruída em prol do lucro.

No Brasil, os efeitos da crise estrutural são sentidos através do corte de recursos destinados a população, da retirada de direitos e degradação das condições de trabalho que são expressas nas ofensivas que os governos brasileiros, a serviço da burguesia e subordinados ao capital mundial, fustigam os trabalhadores.

¹⁰ Segundo Netto e Braz (2006), mais-valia absoluta é a intensificação da exploração do trabalhador através da ampliação da jornada de trabalho e/ou redução do custo da força de trabalho e a mais-valia relativa é a intensificação da exploração via tecnologia e intensificação do trabalho.

Entre os retrocessos e retiradas de direitos está a chamada PEC do fim do mundo¹¹ que congela por 20 anos os investimentos em saúde, educação, entre outros. Segundo o site de jornalismo, O Globo¹², além das mudanças na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) com várias reformas que precarizam ainda mais as condições de trabalho e de vida do trabalhador, todas as regras de contrato e direitos do trabalhador podem ser negociadas entre o patrão e o empregado, a exemplo da Jornada de trabalho, salário, duração das férias e do intervalo de alimentação. Isso tudo sem falar da terceirização e da diminuição de empregados com carteira assinada. Essas e outras medidas do governo vem escancarando o caráter classista do Estado como servidor da classe burguesa.

É importante frisar que a atual ofensiva do capital contra o trabalho influi diretamente para o agravamento das expressões da questão social, assim, o aumento do desemprego e da extrema pobreza surgem como uma das expressões mais perversas dessa ofensiva.

Para demonstrar o aumento do desemprego no Brasil, os dados da Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios-PNAD constatam que a taxa de desocupação (13, 1%) no trimestre de janeiro a março de 2018 cresceu 1,3% em relação ao trimestre de outubro a dezembro de 2017(11, 8%). Em 2016 nessa mesma data se encerrava com 10, 9% e no ano de 2012 se encerrava com 7, 9%.

Esses dados revelam que realmente há um aumento do desemprego no Brasil e também no mundo inteiro¹³, pois os desempregados, segundo Mézaros (2002, p 323): “ já não surgem nas regiões mais pobres do mundo, mas nas partes mais privilegiadas do “capitalismo avançado”.”. Para o autor o desemprego é

¹¹ Essa PEC foi legalizada pela “emenda Constitucional 95/2016, que limita por 20 anos os gastos públicos.” Essa referida PEC 55/2016 foi aprovada e através dela segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a saúde pode perder até R\$ 743 bilhões neste período. Já a Educação pode ter perdas no Orçamento de até R\$ 25,5 bilhões por ano. Disponível em : <http://www.fenae.org.br/portal/fenae-portal/noticias/pec-do-fim-do-mundo-e-aprovada-20-anos-sem-investimentos-publicos.htm>. Acesso: 27 de maio de 2018.

¹² Disponível em: <http://noblato.globo.com/artigos/noticia/2017/04/reforma-trabalhista-de-temer-atenta-contra-os-direitos-dos-trabalhadores.html>. Acesso: 27 de maio de 2018.

¹³ O site do G1 mostra que o desemprego na zona do euro se manteve estável no início desse ano, com a percentagem de 8,6% e com o registro de 14, 11 milhões de pessoas desempregadas. Desse total, a Grécia apresenta os maiores índices de pessoas sem trabalho, com 20, 9%. Os dados mostram a estabilidade do desemprego, porém pra essa zona que passou pelo chamado Estado de bem-estar social, ter essa quantidade de desempregados é algo novo e alarmante. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/zona-do-euro-registra-desemprego-estavel-em-janeiro-a-86.ghtml>. Acesso em 16 de junho de 2018.

crônico, pois o sistema não consegue garantir emprego para toda população e expulsa do processo de trabalho pessoas que não são necessárias para a expansão do capital até trabalhadores qualificados agora fazem parte do exército industrial de reserva.

A pobreza também é analisada segundo dados da PNAD, que divulgou este ano pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE que houve um aumento da extrema pobreza no Brasil de 11, 2%. O número de pessoas em situação de extrema pobreza no Brasil passou de 13, 34 milhões em 2016 para 14, 83 milhões em 2017, neste mesmo ano 14, 83 milhões de pessoas viviam com até 136 reais mensais. Os dados mostram também que grande parte dos brasileiros estão abaixo da linha de pobreza sobrevivendo em pouquíssimas condições o que mostra o avanço da desigualdade e da miséria (WELLE, 2018).

Diante dos dados aludidos, é notório que houve um aumento do desemprego e da miséria. Consequentemente aumenta-se, também, a violência e outras expressões da questão social. Em conformidade com o exposto, Behring e Boschetti (2007) relatam em seus estudos que no Brasil há um agravamento das desigualdades sociais e a concentração da riqueza socialmente produzida, o que mostra como a crise estrutural vem intensificando cada vez mais as condições precárias dos trabalhadores.

Essa situação de intensificação da miséria do trabalhador se dá, nas análises de Mota (2010, p. 21), porquê:

As condições de vida e trabalho do enorme contingente de pessoas que vivem à margem da produção e do usufruto da riqueza socialmente produzida são reveladoras de que a desigualdade social é inerente ao desenvolvimento do capitalismo e das suas forças produtivas.

Entende-se que o aumento da pobreza e da desigualdade são reflexos de um sistema social e desumano em crise. Em concordância com Mészáros (2002, p. 1005): “o novo padrão emergente do desemprego como uma tendência socioeconômica adquire o caráter de um indicador do aprofundamento da crise estrutural do capital atual. ”

Dessa afirmação acima, pode-se inferir que os tempos atuais retratam perfeitamente os limites desse sistema em crise que necessita e produz um exército industrial de reserva cada vez maior, ou seja, um maior número de desempregados. Porém, o desemprego não é a única expressão da questão social que se intensifica. A violência, a miséria e outros também são ampliados.

Isso se dá no mundo inteiro e acontece no mesmo momento em que há riqueza suficiente para findar tanto com as expressões da questão social e todas as contradições do sistema.

A respeito disso, Mota (2010, p. 22) diz que: a evidência de crescimento incomensurável da riqueza e, simultaneamente, de ampliação exponenciada do pauperismo não polariza exclusivamente um “um mundo rico” e um “mundo pobre” – perpassa as sociedades nacionais de ambos os “mundos”.

A referência acima evidencia que a pobreza hoje está nos quatro cantos do mundo. Até nos países de capitalismo central ela existe. Isso revela a natureza do sistema capitalista que por sua própria lógica necessita que haja desigualdades.

A intensificação das expressões da questão social faz parte da lei geral de acumulação capitalista, que por um lado há a concentração de riqueza nas mãos de poucos e por outro intensifica-se a pobreza na maior parte da população mundial. O que mostra que o aumento dessas mazelas sociais faz parte da própria lógica do capital que produz miséria em um polo e no polo oposto produz riqueza.

Os trabalhadores sentem na pele as “chicotadas” do sistema e trabalham na escravidão moderna para ter acesso aos bens de consumo, mesmo que minimamente.

Mas, a exploração não se limita na intensificação da exploração do trabalho. Acontece, também, a exploração e a entrega dos recursos naturais ao capital estrangeiro como é o exemplo da Vale do rio doce e da Petrobras. Sem falar na exploração e devastação da Amazônia que acontece a todo vapor e nos lucros exorbitantes com as guerras e desumanização do homem.

Segundo Mézáros (2002), em 1981, o orçamento militar dos Estados Unidos da América-EUA era de 300 bilhões de dólares, ou seja, uma quantia enorme de dinheiro que será destruída para gerar o ciclo de reprodução do capital, enquanto milhões de pessoas morrem por fome. Além disso, os serviços que seriam destinados à população carente sofrem cortes de verba.

Ainda segundo o autor citado acima:

A devastação sistemática da natureza e a acumulação contínua do poder de destruição - para as quais se destina globalmente uma quantia superior a um trilhão de dólares por ano - indicam o lado material amedrontador da lógica absurda do desenvolvimento do capital. Ao mesmo tempo, ocorre a negação completa das necessidades elementares de incontáveis milhões de famintos: o lado esquecido e que sofre as consequências dos trilhões desperdiçados (MÉSZÁROS, 2002, p. 801).

Nessa direção, é evidente o caráter destrutivo do capital que tem suas ações voltadas para obtenção do lucro e não para atender as necessidades humanas. Toda essa análise assevera o quanto a crise estrutural traz rebates negativos para a sociedade exacerbando a desigualdade, a desumanização e a intensificação das expressões da questão social provenientes desse sistema.

3. CONCLUSÃO

Por tudo que foi evidenciado, está claro que a intensificação das expressões da questão social é causada diretamente pelo sistema capitalista em crise estrutural e que para que haja a manutenção do sistema, não importa a degradação da natureza ou do homem. Isso faz parte da sua lógica. Enquanto houver capitalismo, haverá exploração, desigualdades, agudização da barbárie, fome, pobreza, destruição do meio ambiente, enfim, a lista para as mazelas que o modo de produção capitalista executa é imensa e cabe à classe trabalhadora dar-lhe um fim. Para isso, é preciso acreditar na possibilidade de um mundo melhor em que todos possam despertar suas potencialidades e tenham acesso à riqueza produzida socialmente. Lutemos, como diz Mézáros, por uma sociedade *para além do capital*.

REFERÊNCIAS

BEHRING, Elaine Rossetti.; BOCHETTI, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Biblioteca básica do serviço social, 2).

EUA são principal destino de brasileiros no exterior, aponta IBGE. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/eua-sao-principal-destino-de-brasileiros-no-externo-aponta-ibge.html>>. Acesso em: 25 maio 2018.

GOUNET, Thomas. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. [S.l.]: Boitempo Editorial, 1999.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico metodológica. São Paulo: Cortez, 1982.

LESSA, Sérgio. **A Emancipação Política e a defesa de direitos**. [S.l.:s.d], 2007.

MARX, K. **O 18 Brumário de Louis Bonaparte**. Coimbra: [s.n.], 1971.
_____. **O Capital**: crítica da economia política. O processo de reprodução do capital. 3 ed. [S.l.:s.d], 1975.

MATOS, Maurílio Castro de. Considerações sobre atribuições e competências profissionais de assistentes sociais na atualidade. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 678-698, out./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0678.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2018.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Editora da Unicamp, Boitempo Editorial, 2002.

MOTA, Ana Elizabete (Org.). **O Mito da assistência social**: ensaios sobre o Estado, política e sociedade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PANIAGO, Maria Cristina Soares. **Mészáros e a incontabilidade do capital**. 2 ed. rev. São Paulo: Instituto Lukács, 2012. 160 p.

PAULO NETTO, José. **Capitalismo monopolista e serviço social** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Cinco notas a propósito da “questão social”. In: _____. **Capitalismo monopolista e serviço social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006. (Biblioteca básica de serviços social).

PESQUISA NACIONAL DE AMOSTRA EM DOMICÍLIO (PNAD). Disponível em: <<http://br.adfn.com/indicadores/pnad>>. Acesso em: 4 jun 2017.

PIMENTEL, Edlene. As bases ontológicas da questão social. **Boletim do Tempo Presente [online]**, n. 11, p. 1-12, 2016.

_____. A crise estrutural do capital e a contradição entre o capital transnacional e os Estados nacionais. In: COSTA, G. M. et al. (Org.). **Crise Contemporânea, desafios do conhecimento e lutas sociais**. Maceió: EDUFAL, 2017. 354 p.

_____. Questão Social e Serviço Social: Expressões do Pauperismo em Face dos Limites Absolutos do Capital. In: COSTA, G. M. et al. (Org.). **Crise contemporânea e serviço social**. Maceió : EDUFAL, 2010.

_____. **Uma “Nova questão social”?** Raízes materiais e humano-sociais do pauperismo de ontem e de hoje. 2. ed. São Paulo: Instituto Luckács, 2012. 167 p.

SILVA, Ivone Maria Ferreira da. **Questão Social e Serviço Social no Brasil: fundamentos sócio-históricos**. 2. ed. Campinas, SP: Papel Social; Cuiabá, MT: EdUFMT, 2014.

SITCOVSKY, Marcelo. Particularidade da expansão da Assistência Social no Brasil. In: MOTA, A. E. (Org.). **O Mito da assistência social: ensaios sobre Estado, política e sociedade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

WELLE, Deutsche. O que explica o aumento da pobreza extrema no Brasil? **Carta Capital**, São Paulo, 17 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/o-que-explica-o-aumento-da-pobreza-extrema-no-brasil>>. Acesso em: 17 maio 2018.